



Artigo submetido em 04/05/2026, aceito em 08/07/2026

Ritos e rituais no cultivo do arroz orgânico do MST: uma análise simbólico-comunicacional

Rites and rituals in MST organic rice cultivation: a symbolic-communicational analysis

Ana Elizabeth Lima Vasconcelos¹

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM ECA-USP); Mestre em Comunicação e Mercado e graduada em Jornalismo
e-mail: ana.limavasconcelos@usp.br; ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8267-5880>

Luiz Alberto de Farias²

²Professor Titular (2025) e Livre-Docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2018); Pós-Doutorado em Comunicação pela Universidade de Málaga/Espanha (2016); Doutor em Comunicação e Cultura pelo (Prolam)
e-mail: lafarias@usp.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3642-4780>

Paulo Nassar³

³Diretor-presidente da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje); Professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP); Doutor e mestre pela ECA-USP
e-mail: paulonassar@usp.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2251-9589>

Resumo

Este artigo investiga o papel dos ritos e rituais no cultivo do arroz orgânico pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), à luz das disputas simbólicas e narrativas travadas com o agronegócio e a mídia hegemônica. A partir de uma abordagem qualitativa e simbólica, fundamentada na teoria dos ritos de passagem de Arnold van Gennep, na noção de *communitas* de Victor Turner, na crítica de Byung-Chul Han ao desaparecimento dos rituais e no modelo interpretativo de Paulo Nassar sobre comunicação organizacional, o estudo analisa como o MST transforma o ato agrícola em performance política e identitária. A metodologia inclui análise documental e entrevista semiestruturada com Dionéia Ribeiro, assentada e liderança do MST. Conclui-se que os rituais associados ao cultivo e à festa da colheita do arroz agroecológico reforçam a narrativa do MST como produtor de alimentos saudáveis e agente político legítimo, articulando cultura, comunicação e resistência.

Palavras-chave: comunicação, MST, rito, ritual, performance.

Abstract

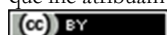
This article investigates the role of rites and rituals in the cultivation of organic rice by the Landless Workers' Movement (MST), in light of the symbolic and narrative disputes waged with agribusiness and the hegemonic media. Drawing on a qualitative and symbolic approach—grounded in Arnold van Gennep's theory of rites of passage, Victor Turner's notion of *communitas*, Byung-Chul Han's critique of the disappearance of rituals, and Paulo Nassar's interpretive model of organizational communication—the study analyzes how the MST transforms the agricultural act into a political and identity performance. The methodology includes document analysis and a semi-structured interview with Dionéia Ribeiro, a settlement member and MST leader. The findings indicate that the rituals associated with the cultivation and the harvest festival of agroecological rice reinforce the MST's narrative as a producer of healthy food and a legitimate political actor, articulating culture, communication, and resistance.

Keywords: communication, MST, rite, ritual, performance.



Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, v.15, n. 01, e270464, p. 01-17, 2026.
Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2238-8052.
<https://doi.org/10.51359/2238-8052.2026.270464>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: [Licença Creative Commons 4.0 Internacional - CC BY](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)



1 Introdução

O início da colheita de arroz orgânico é motivo de festa para as quase 400 famílias que vivem no assentamento Filhos de Sepé, em Viamão, região metropolitana do Rio Grande do Sul. Trata-se da Festa da Colheita do Arroz Agroecológico do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), evento realizado todo ano pelo MST do Rio Grande do Sul, tendo sido interrompido e cancelado apenas em 2024 por causa das enchentes históricas no estado. Mas por que o MST faz uma festa para celebrar a colheita de arroz?

Ao longo dos seus 41 anos de existência, o MST trava uma batalha narrativa com setores da economia, como o agronegócio, e das comunicações, como a mídia hegemônica. Nesse campo de batalha, o maior movimento social pela reforma agrária no Brasil busca mostrar sua relevância na luta pela distribuição justa de terras, renda e riqueza, e assegurar que a terra esteja a serviço da sociedade. Para o Movimento, “A água, as florestas, os minérios, a biodiversidade, não são mercadorias e nem devem ser objeto de apropriação privada do capitalismo” (MST, 2025, p. 34).

Uma dessas batalhas narrativas envolve o cultivo de arroz orgânico pelo MST. Para justificar nosso objeto de estudo, reproduzimos aqui duas manchetes datadas de 2025: “Festa da Colheita do MST celebra safra de 14 mil toneladas de arroz agroecológico”¹ e “A produção de arroz orgânico do MST é relevante para o Brasil? Descubra”². A primeira, celebra. A segunda, põe em dúvida.

Essa disputa em torno do cultivo do arroz orgânico do MST nos instiga a investigar: qual o papel dos ritos e rituais do MST na produção de alimentos saudáveis para sociedade brasileira?

Para fazermos uma leitura simbólica dos ritos e rituais associados ao cultivo do arroz orgânico do MST, adotamos uma abordagem metodológica qualitativa, com ênfase na análise narrativa não verbal. Como aporte teórico, recorreremos ao modelo proposto por Nassar *et al.* (2019), a fim de compreender como as práticas rituais constroem sentidos no espaço social.

Incorporamos na análise a teoria dos ritos de passagem de Arnold van Gennep, a partir da qual interpretamos as fases do cultivo — do plantio à colheita — como momentos de transição dotados de marcadores simbólicos e sociais; os ritos de instituição de Pierre Bourdieu; e a teoria da performance, de Victor Turner, que reconfigura a teoria dos ritos de passagem de Gennep para tratar os rituais, cerimônias e ações simbólicas como formas de dramatização social, ou seja, como *performances* por meio das quais as culturas expressam, negociam e estabelecem suas normas, conflitos e identidades. Além disso, buscamos tensionar a tese do desaparecimento dos rituais formulada por Byung-Chul Han, propondo um contraponto ao demonstrar como as práticas agroecológicas do MST, especialmente no cultivo do arroz,

¹ Brasil de Fato, veículo fundado por movimentos populares.

² Brasil Paralelo, veículo de extrema direita.

preservam e atualizam formas rituais que operam como instrumentos de comunicação e mobilização social.

Essa perspectiva dialoga ainda com a concepção de fato social formulada por Émile Durkheim, para quem determinadas práticas coletivas ultrapassam a esfera das ações individuais e se consolidam como formas de organização da vida social. Os ritos associados ao cultivo do arroz orgânico no MST não constituem apenas práticas agrícolas ou comemorativas, mas também práticas sociais institucionalizadas que expressam valores, reforçam vínculos coletivos e produzem sentidos compartilhados.

Como parte da metodologia, foi realizada uma entrevista semiestruturada com Dionéia Soares Ribeiro, assentada da reforma agrária, agricultora agroecológica e coordenadora de Gestão de Grãos na Cooperativa dos Trabalhadores Assentados da Região de Porto Alegre (COOTAP). Dionéia também é responsável pela Unidade de Produção de Bioinsumos Ana Primavesi e integra o Coletivo Nacional de Bioinsumos do MST. O testemunho de Dionéia foi fundamental para compreender os sentidos atribuídos às práticas agrícolas, bem como os elementos simbólicos que sustentam o ritual do cultivo.

Este artigo está estruturado em três tópicos: o primeiro traz uma retomada histórica e a classificação do que é o direito à terra.

O segundo tópico se valerá do modelo proposto por Nassar *et al.* para estabelecer um paralelo entre os campos da antropologia e da comunicação. Ao responder questões seminais da comunicação, pretendemos identificar os protagonistas e antagonistas do Movimento Sem Terra, buscando compreender como se trava a batalha narrativa entre esses sujeitos.

No terceiro tópico, faremos uma associação entre os ritos de passagem de Genep com o cultivo do arroz orgânico a fim de identificar quais simbolismos fortalecem a identidade do Movimento. Também nos amparamos em Han ao ratificar a importância simbólica dos rituais para a sociedade. Nesse sentido, mostramos os rituais que envolvem o cultivo do arroz sem veneno como parte da mística do MST, de que maneira acontece e qual a sua força simbólica.

Este artigo propõe uma leitura simbólica e comunicacional do cultivo do arroz orgânico do MST, interpretando suas práticas rituais do plantio à colheita como formas de construção narrativa e identitária que operam no campo da disputa pública pelo sentido da reforma agrária no Brasil.

2 O direito à terra

Produzir alimentos saudáveis é um dos pilares da Reforma Agrária Popular (MST, 2025, p. 44) proposta pelo MST. Mas para que essa produção ocorra, é preciso ter terra.

Há 10 mil anos, o ser humano dava seus primeiros passos rumo à vida em sociedade organizada, plantando alimentos, formando aldeias e mudando radicalmente sua relação com a natureza, passando de nômades a sedentários (Morissawa, 2001, p. 8).

Os primeiros registros de atividades agrícolas na história são localizados na Mesopotâmia, onde atualmente se situa o Iraque, com plantações de trigo e cevada. “Do amanhecer ao entardecer, os humanos espalhavam sementes, aguavam plantas, arrancavam ervas daninhas do solo e conduziam ovelhas a pastos escolhidos” (Harari, 2015, p. 69). Esse momento marca o início da Revolução Agrícola.

Na Grécia Antiga, antes do raio da democracia, a concentração de terra nas mãos dos grandes proprietários já era uma realidade. Aos pequenos proprietários, restavam-lhes levantar empréstimo junto aos poderosos para poder plantar ou aumentar seu pedaço de terra para ceder aos filhos quando estes se casassem. Dívidas não pagas resultavam na devolução das propriedades (Morissawa, 2001, p. 11).

Como se vê, a concentração de terra não é um tema nascido na contemporaneidade. De um bem coletivo, passou a ser motivo de disputas políticas e de territórios. Para os vencedores dessas disputas, a terra é o lugar de exploração mercantilista. Para os perdedores, um campo a ser conquistado para a simples subsistência.

Hoje, o direito à terra é reconhecido como um direito humano fundamental por meio de instrumentos internacionais, especialmente porque ele antecede e supre o direito à alimentação, moradia e dignidade. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, por exemplo, em seu Artigo 25, garante “o padrão de vida capaz de assegurar alimentação, moradia, cuidados médicos...” (Unicef Brasil, 2025), sendo o acesso à terra essencial para viabilizar esses direitos.

A FAO (que em português significa Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) tem diretrizes para melhorar a governança da posse, fornecendo aos governos orientação sobre práticas internacionalmente aceitas para sistemas que lidam com os direitos de uso, gestão e controle da terra, pesca e florestas (FAO, 2022).

A FIAN (Organização pelo Direito Humano à Alimentação e à Nutrição Adequadas) é uma das instituições que reconhecem o direito à terra como um direito humano emergente. Ao reafirmar o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), a entidade destaca que a fome constitui uma grave violação de direitos humanos, evidenciando a relação indissociável entre acesso à terra, soberania alimentar e dignidade humana (FIAN Brasil, 2024, p. 9).

Se a terra é um direito, a desigualdade no campo é uma realidade no Brasil (Agência IBGE Notícias, 2020). É nessa lacuna que atua o MST.

3 Procedimentos metodológicos

Este artigo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, orientada pela análise simbólico-comunicacional de práticas rituais. A escolha metodológica fundamenta-se na natureza do objeto de estudo, os ritos e rituais associados ao cultivo do arroz orgânico do MST, que demanda instrumentos capazes de capturar sentidos, símbolos e narrativas que operam em dimensões não estritamente verbais.

3.1. Análise documental

O corpus documental foi constituído a partir de três critérios de seleção: (1) relevância temática: materiais que tratam diretamente do cultivo do arroz orgânico do MST, da Festa da Colheita ou da disputa narrativa em torno desse objeto; (2) diversidade de fontes: foram selecionados documentos provenientes de veículos de comunicação hegemônicos (Folha de São Paulo), alternativos (Brasil de Fato), institucionais (site do MST, Irga, Agência Gov) e governamentais (PNAE, PAA), a fim de mapear o campo de forças simbólicas em que a disputa narrativa se trava; e (3) recorte temporal: priorizou-se o período de 2023 a 2025, sem excluir referências históricas indispensáveis à contextualização do objeto. Os documentos foram analisados a partir das categorias propostas por Nassar *et al.* (2019): quem diz, o que se diz, para quem, como, onde, quando e por que é dito.

3.2. Entrevista semiestruturada

Foi realizada uma entrevista semiestruturada com Dionéia Soares Ribeiro, assentada da reforma agrária, agricultora agroecológica e coordenadora de Gestão de Grãos na Cooperativa dos Trabalhadores Assentados da Região de Porto Alegre (COOTAP), responsável pela Unidade de Produção de Bioinsumos Ana Primavesi e integrante do Coletivo Nacional de Bioinsumos do MST. A seleção da entrevistada foi feita por indicação da assessoria de imprensa do MST-RS e obedeceu aos seguintes critérios: envolvimento direto e continuado com o cultivo do arroz orgânico; posição de liderança que lhe confere visão abrangente da cadeia produtiva e dos significados atribuídos às práticas rituais; e pertencimento ao coletivo, o que garante um ponto de vista situado e comprometido com a experiência vivida.

A entrevista foi conduzida por escrito e respondida em 23 de julho de 2025 em um arquivo textual, enviada por meio de aplicativo de mensagens (whatsapp), modalidade que se mostrou adequada à rotina da entrevistada e compatível com os objetivos da pesquisa, uma vez que permitiu respostas reflexivas e detalhadas sem as restrições de tempo e deslocamento que uma entrevista presencial poderia

impor. As perguntas foram enviadas em blocos temáticos e respondidas de forma escrita, garantindo registro integral das falas sem necessidade de transcrição.

O roteiro foi organizado em cinco blocos temáticos: (1) dados gerais da produção: volume, área cultivada, cooperativas envolvidas e canais de comercialização; (2) mercado, logística e políticas públicas: comportamento do mercado consumidor, desafios logísticos e relação com programas como o PNAE e o PAA; (3) impacto das enchentes no Rio Grande do Sul em 2023 e 2024: perdas na produção, infraestrutura e processo de recuperação; (4) ritual, território, narrativa e sentido: dimensão simbólica do cultivo, sentimento de pertencimento e transformação do imaginário do MST perante a sociedade; e (5) futuro e memória: planos de expansão, sucessão geracional e registro da trajetória agroecológica. O testemunho de Dionéia foi fundamental para compreender tanto os dados objetivos da cadeia produtiva quanto os sentidos subjetivos e simbólicos que sustentam o ritual do cultivo e da colheita do arroz orgânico do MST.

A condução da entrevista observou os princípios éticos aplicáveis às pesquisas envolvendo seres humanos, assegurando à participante informações sobre os objetivos do estudo, a finalidade exclusivamente acadêmica da pesquisa e a forma de utilização de suas contribuições. Para fins de publicação científica, foi formalizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por meio do qual a entrevistada autorizou a utilização do conteúdo da entrevista e sua identificação nominal no manuscrito, após tomar conhecimento da versão final do artigo e do contexto em que suas informações foram empregadas.

3.3. Procedimentos analíticos

O material documental e o conteúdo da entrevista foram analisados de forma integrada, por meio de leitura interpretativa orientada pelas categorias teóricas mobilizadas no artigo: os ritos de passagem (Gennep), a *communitas* e a performance (Turner), os ritos de instituição (Bourdieu), a crítica ao desaparecimento dos rituais (Han) e o modelo comunicacional de Nassar *et al.* (2019). A análise buscou identificar, nos materiais examinados, as marcas simbólicas, narrativas e performáticas que operam na construção da identidade do MST e na disputa pública pelo sentido da reforma agrária no Brasil.

4 Diálogos antropológicos com a comunicação

Considerando a comunicação como um fenômeno indissociável de uma organização (Nassar *et al.*, 2019, p. 210), buscamos responder como os ritos e rituais coletivos em torno do cultivo do arroz

agroecológico do MST atuam como espaço simbólico e constroem uma narrativa não verbal, por meio da qual se constroem memórias históricas e identitárias do movimento.

No campo das ciências sociais e da antropologia, os termos *rito* e *ritual* são frequentemente utilizados como sinônimos, mas apresentam distinções teóricas relevantes. Neste artigo, quando nos referirmos a ritual, utilizaremos o conceito de Turner, para quem: “O ritual é um tipo de performance transformativa – ou seja, capaz de transformar por meio dos símbolos a relação dos sujeitos com sua própria experiência e propiciar, em consequência, novo curso à experiência social” (Cavalcanti, 2020, p. 87).

Já para definir rito, usaremos a definição de Genep: “Todo rito é por ele concebido como ‘processo ritual’: se inicia pela suspensão de uma ordem estrutural, propõe uma crise dessa ordem e leva a um desfecho, que pode resultar em reagregação ou em cisão social” (Genep *apud* Borges, 2019).

Para Nassar *et al.* (2019, p. 210), a comunicação não é um fenômeno organizacional que pode ser separado do todo, mas é a própria organização. Nessa perspectiva, o MST é a própria comunicação por meio de seus rituais simbólicos, dos produtos que planta e colhe e de suas performances. “Rituais são processos de incorporação, encenações do corpo”, afirma o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (Han, 2021, p. 24).

Interessante notar a intersecção entre o cultivo do arroz orgânico do MST com o próprio conceito antropológico de cultura: “... etimologicamente falando, [cultura] é um conceito derivado de natureza. Um dos seus significados originais é ‘lavoura’ ou ‘cultivo agrícola’, o ‘cultivo do que cresce naturalmente’ (Eagleton, 2011, p. 9).

Seguindo o modelo proposto pelos autores, vamos tentar responder, de acordo com nosso objeto de estudo, às seguintes questões que conectam o processo de comunicação aos estudos antropológicos: “quem diz, o que se diz, para quem e como é dito, onde é dito, quando é dito e por que é dito” (Nassar *et al.*, 2019, p. 210).

“Quem diz? - Como o ritual expressa e transmite o poder enunciator, nos contextos das Relações Humanas, da Política e da Cultura?” (Nassar *et al.*, 2019, p. 210)

Tomando a ideia de “ritos de instituição”, do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), é preciso considerar as condições de produção e recepção dos discursos, já que a matéria do discurso depende da posição social do interlocutor (Assensio; Oliveira Júnior, 2015). Daí a importância de identificarmos quem diz para avaliarmos o poder do enunciator.

Em nosso objeto de estudo, o enunciator é o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, mas também os seus apoiadores, que se colocam como sujeitos ao ecoar a narrativa do MST. Em entrevista ao Jornal Nacional à jornalista Renata Vasconcelos o então candidato a presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, afirmou: “O MST é o maior produtor de arroz orgânico do Brasil. Você tem que

visitar uma cooperativa do MST, Renata. Você vai ver que aquele MST de 20, 30 anos atrás não existe mais". A declaração repercutiu e foi publicada pela Folha de S.Paulo no dia 30 de janeiro de 2024 em uma matéria intitulada "Arroz orgânico do MST tem produção pequena, mas simbólica" (Folha de São Paulo, 2024).

No contexto das relações humanas, o ritual se estabelece no campo, do plantio à colheita, num movimento coletivo, que requer o trabalho na terra. Atualmente 350 famílias estão envolvidas no cultivo de arroz orgânico do MST, o arroz Terra Livre, dos tipos Agulhinha e Cateto, e sua cadeia produtiva envolve quatro cooperativas: a Cooperativa dos Trabalhadores Assentados da região de Porto Alegre (COOTAP), a Cooperativa dos Trabalhadores Assentados de Tapes (COOPAT), a Cooperativa dos Trabalhadores Assentados de Nova Santa Rita (COOPAN) e a Cooperativa Terra Livre Alimentos (Ribeiro, 2025).

A tradição do campo, transmitida através de gerações, pressupõe continuidade, característica dos rituais. "A sabedoria está incorporada na vida como narração. Se a vida não puder mais ser narrada, a sabedoria também entra em decadência [...] a sabedoria é uma verdade narrada (Han, 2023, p. 32-33).

No contexto político, a narrativa disputa um campo de forças simbólicas na tentativa de demonstrar sua importância na produção de alimentos. "Maior produção de arroz orgânico da América Latina: conheça a experiência agroecológica do MST", diz a manchete do Brasil de Fato (2023), um veículo de comunicação fundado por movimentos populares. Essa narrativa esbarra na contranarrativa da mídia hegemônica, que relativiza esse discurso com o argumento de que o MST é, sim, o maior produtor de arroz orgânico da América Latina, mas que sua produção é ínfima e simbólica, como demonstra a já mencionada reportagem da Folha de São Paulo (2024).

Já a disputa de narrativa no campo político pode ser observada no site do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), autarquia do Estado do Rio Grande do Sul cuja missão é "Gerar e difundir soluções e inovações para a cadeia produtiva do arroz no RS" (Irga, 2025). Uma busca no site do Irga revela que a última menção ao arroz do MST data de 23/05/2014, em um texto intitulado "Seminário do Arroz encerra programação técnica da 18ª Fenarroz" (Irga, 2014). A ausência de informações atualizadas denota o pouco envolvimento do órgão no que tange à produção do arroz agroecológico. Segundo relato de Dionéia Ribeiro, "o Irga colabora conosco nas análises de solo, porém em relação ao arroz agroecológico a relação é bem limitada".

Dionéia explica ainda que cerca de 90% da comercialização do arroz Terra Livre é feita para programas institucionais como Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), nos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e Bahia. Essas compras são muito relevantes porque consolidam a distribuição.

Embora oficialmente mantidos, tanto o PAA quanto o PNAE foram profundamente fragilizados durante o governo Bolsonaro através de cortes orçamentários, interrupções na execução, vetos e descumprimento de metas legais, prejudicando a agricultura familiar — justamente o público que esses programas deveriam principal e legalmente estimular (Ribeiro, 2025). A batalha no campo tem fortes implicações e sofre impactos políticos estruturantes para o Movimento.

Outro aspecto político é o fato de que o MST promove a agroecologia e cultiva arroz sem agrotóxicos, em contraposição à atuação da bancada ruralista — grupo parlamentar que defende os interesses do agronegócio. Essa disputa política se reflete em projetos como o PL 1459/2022 (conhecido como "PL do Veneno"), que incentiva o uso de agrotóxicos no Brasil.

E no contexto da cultura, o cultivo do arroz estabelece um laço intrínseco, uma vez que cultura vem da palavra latina *colere*, “o que pode significar qualquer coisa, desde cultivar e habitar a adorar e proteger” (Eagleton, 2011, p. 10). Cultivar é cultura.

“O que se diz, para quem e como é dito? – Como o ritual como mensagem e mídia, estruturado em gêneros expressivos das Artes e nas mais diferentes culturas, trabalha na perspectiva do Eu e do Outro o que se diz e as formas de dizer (e não dizer)?” (Nassar *et al.*, 2019, p. 210)

O Irga reconhece o MST como o maior produtor de arroz orgânico da América Latina, com base em dados de produção e área cultivada. Mas essa afirmação oculta o "não dizer". Segundo o mesmo Irga, o cultivo do MST ocupa apenas 0,57% dos 4 mil hectares (Folha de S. Paulo, 2024). Para analisarmos o "como" é dito, recorremos a um ritual do Movimento – a Festa da Colheita – que retomaremos mais adiante.

“Onde é dito? - Como se dá a dimensão ritual do espaço, do território, das memórias e das narrativas nas organizações?” (Nassar *et al.*, 2019, p. 211)

O ritual do cultivo de arroz ocorre no campo. É lá que se conectam assentados, máquinas, terra e assentamento num ciclo natural que se repete por mais de uma vez a cada ano. E a colheita é sempre motivo de festa. Na comunicação endógena do MST sobre a colheita de 2025, a informação reverberou em suas plataformas de comunicação: site e redes sociais. Já na comunicação exógena, o ritual foi noticiado pela imprensa³, Agência Gov e no site institucional do Instituto Federal do Rio Grande do Sul.

Celebrar a colheita significa um rito de passagem, pois rompe com a liminaridade. Significa ainda o enfrentamento de um desafio: superar os efeitos das enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul nos anos de 2023 e 2024, causando impactos severos na produção de arroz orgânico do MST. Em 2024, as perdas foram particularmente significativas: cerca de 50% da produção total foi comprometida pelas

³ Brasil de Fato, Sul 21, Portal Extra Classe, Carta Capital

inundações. Além dos prejuízos na lavoura, as comunidades também sofreram com danos materiais mais amplos, incluindo a perda de moradias de algumas famílias assentadas (Ribeiro, 2025).

“Quando é dito? – Como se dá nas organizações a dimensão ritual do tempo e suas metáforas e suas relações com os fatos, com as estações do ano; com o passado, presente e com o futuro?” (Nassar *et al.*, 2019, p. 211)

Esse aspecto é interessante de ser analisado. Uma cultura agrícola é um ritual que depende do tempo e das estações. Entre setembro e outubro ocorre o plantio do arroz. Entre março e maio, a colheita. Por si só, esse ciclo cumpre um rito que, no contexto do MST e da agroecologia, transcende a mera dimensão técnica e produtiva, configurando-se como uma prática carregada de significados simbólicos, sociais, culturais e políticos. Tal rito pode ser compreendido como um conjunto de etapas organizadas que compõem o ciclo agrícola e que, articuladas coletivamente, expressam valores de pertencimento, resistência e construção de outro modelo de sociedade.

A primeira etapa desse processo ocorre com a preparação do solo, geralmente no outono e inverno, momento que simboliza o início de um novo ciclo, o renascimento da terra. Tal prática costuma ser realizada por meio de mutirões e decisões coletivas, revelando a centralidade do trabalho comum e da terra como bem coletivo. Em seguida, dá-se a seleção e o plantio das sementes, ato que carrega forte carga simbólica por representar a esperança e a continuidade da vida. Durante o cultivo e os cuidados com os arrozais, etapa que ocorre na primavera e no verão, há um envolvimento cotidiano que exige atenção, vigilância e dedicação coletiva. A colheita, por sua vez, geralmente realizada ao final do verão e início do outono, assume um caráter festivo e comunitário. No âmbito do MST, a colheita é celebrada anualmente, no mês de março, com um tradicional evento no Rio Grande do Sul. A Festa da Colheita do Arroz Agroecológico é uma tradição que ocorre há mais de 20 anos no Assentamento Filhos de Sepé, em Viamão, município gaúcho. A festa é um ato político, pois conta com a presença de representantes do governo federal, parlamentares e convidados. E a última etapa do rito envolve a partilha e a comercialização do arroz. Mais do que uma simples transação econômica, esse momento é compreendido como um gesto de justiça social e soberania alimentar. A partilha não se restringe aos circuitos do mercado institucional (como o PNAE e o PAA), mas também contempla a distribuição interna entre famílias, escolas do campo e comunidades urbanas, reforçando a dimensão ética e política do alimento como direito e não mercadoria.

A ideia de comunidade observada no movimento social analisado remete à noção de *communitas*, desenvolvida pelo antropólogo britânico Victor Turner (1920-1983). Para o autor, *communitas* surge nos momentos rituais como uma forma intensa de vivência não-estruturada “que muitas vezes desenvolve entre liminares. É um relacionamento entre indivíduos concretos, históricos, idiossincrásicos (Turner, 1974, p. 5). Vale ressaltar que

Victor Turner concebe a liminaridade como condição social efêmera vivenciada por sujeitos temporariamente situados fora da estrutura social, dando origem ao que ele denomina *communitas*, isto é: uma forma de antiestrutura constituída pelos vínculos entre indivíduos ou grupos sociais que compartilham uma condição liminar em momentos especificamente ritualizados (Noleto; Alves, 2015).

Essa experiência se manifesta especialmente em períodos de transição social — os chamados ritos de passagem — conceito originalmente proposto pelo antropólogo franco-holandês Arnold van Gennep (1873-1957), conforme veremos adiante.

No caso do movimento social em análise, as práticas coletivas, como o cultivo do arroz orgânico e as festas de colheita, podem ser compreendidas como momentos ritualísticos que reforçam a coesão do grupo, expressando tanto a vivência da *communitas* quanto a dinâmica própria dos ritos de passagem — nos quais o pertencimento, a transformação e a reafirmação dos vínculos comunitários são centrais.

“Por que é dito? – Como o ritual organiza as razões daquilo que é transmitido (como experiência, conhecimento, informação, sentimento de pertença e de orgulho, no contexto organizacional, a história organizacional contada e vista pela memória individual e social?” (Nassar *et al.*, 2019, p. 211)

No contexto da luta pela terra e da construção de alternativas sustentáveis ao modelo hegemônico de produção agrícola, o cultivo de arroz orgânico dentro do MST⁴ carrega um profundo sentido de pertencimento, resistência e cuidado com toda a sociedade. “É um sentimento de alegria e gratidão por proporcionar e oferecer um alimento saudável para uma parte da população” (Ribeiro, 2025). A produção, nesse caso, não é apenas técnica ou econômica: é atravessada por afetos, por um compromisso ético com a vida e por práticas coletivas que fortalecem vínculos sociais e políticos. Tais vínculos decorrem da repetição dos rituais. “Repetições estabilizam e aprofundam a atenção”, afirma Han (2021, p. 20). O ciclo do plantio ao cultivo do arroz orgânico estabiliza a atenção e mantém os assentados em torno desse ritual que se caracteriza pela repetição e pela rotina, que são capazes de produzir a intensidade do ato.

Rituais criam uma comunidade de ressonância capaz de um acorde, de um ritmo comum: “Rituais promovem eixos de ressonância socioculturalmente estabelecidos, ao longo dos quais se tornam experienciáveis relações de ressonância verticais (com Deus, o cosmos, o tempo e a eternidade), horizontais (na comunicação social) e diagonais (em relação às coisas)”⁴ (Rosa *apud* Han, 2021, p. 23-24). Para Turner, o ritual é um tipo de performance transformativa, ou seja, “capaz de transformar por meio de símbolos a relação dos sujeitos com sua própria experiência e propiciar, em consequência, novo curso à experiência social” (Cavalcanti, 2020, p. 87). Turner exemplifica: “a dimensão ritualística marca etapas e mudanças vividas coletivamente, como por exemplo a passagem da infância para a vida adulta” (Borges, 2019).

⁴ Hartmut Rosa: *Resonanz*. Eine Soziologie der Weltbeziehung. Berlin, 2016, p. 297.

5 Da semente à colheita: os ritos sob a perspectiva de Gennep

Preparar o solo, selecionar e plantar a semente, colher, celebrar a colheita e comercializar constituem o rito do cultivo do arroz orgânico. Mais do que isso, essas etapas dialogam com os ritos de passagem descritos por Gennep. Nesse sentido, o antropólogo Roberto DaMatta escreve:

se os ritos não resolvem a vida social, sabemos que sem eles a sociedade humana não existiria como algo consciente, uma dimensão a ser vivenciada e não simplesmente vivida, como ocorre com os gestos mais pesados da rotina cotidiana. As cerimônias, como muito bem percebeu Van Gennep, são como as etapas de um ciclo que se deseja marcar e revelar, uma espécie de moldura especial, mesmo quando o quadro que ela determina, circunscreve e torna consciente, é banal ou mesmo cruel (DaMatta, 2012, p. 8).

Por que, então, ritualizar uma colheita de arroz agroecológico? Pelo seu peso político e social, o ritual do cultivo do arroz agroecológico no MST e seus desdobramentos são, no sentido durkheimiano, um fato social, uma vez que se impõem aos indivíduos independentemente da sua vontade e existência individual, moldando comportamentos e estabelecendo padrões coletivos da sociedade. Para Durkheim, "[os fatos sociais] consistem em maneiras de fazer ou de pensar, reconhecíveis pela particularidade de serem capazes de exercer sobre as consciências individuais uma influência coercitiva" (Durkheim, 2019, s/p).

Para Gennep (2012), os ritos de passagem são rituais que marcam a transição de uma pessoa ou grupo de um estado social para outro e se decompõem em três fases: ritos de separação (preliminares), ritos de margem (liminares) e ritos de agregação (pós-liminares): "Proponho aqui denominar *ritos preliminares* os ritos de separação do mundo anterior, *ritos liminares* os ritos executados durante o estágio de margem e ritos *pós-liminares* os ritos de agregação ao novo mundo" (Gennep, 2012, p. 39).

Na apresentação da obra de Gennep, denominada *Os ritos de passagem*, o antropólogo Roberto DaMatta destaca que um ato ritual tem o poder de transformar ações rotineiras em experiências significativas, conferindo-lhes um caráter especial e, assim, reforçando e ressignificando a própria realidade cotidiana:

De resto, e para falar apenas em estudos de rituais tomando o caso do Brasil como base de reflexão, eu tenho tentado ampliar os achados de Van Gennep, aprofundando-os, suponho, na direção de mostrar que falar em vida social é falar em ritualização, donde minhas preocupações com o fenômeno da transformação e passagem do gesto rotineiro ao ato ritual e, também, minhas reflexões sobre os movimentos sociais coletivos, quando todo o sistema passa por um período especial, invertendo, neutralizando ou reforçando a realidade cotidiana (DaMatta, 2012, p. 9).

No contexto do MST, os ritos de separação são representados pelo planejamento do plantio, mobilização das famílias, preparação coletiva da terra e simbolismo existencial das sementes. "As sementes são um patrimônio dos povos a serviço da humanidade e não pode haver sobre elas propriedade privada ou qualquer tipo de controle econômico e tecnológico, nem cobrança de *royalties*" (MST, 2025,

p. 53). O MST rompe com o modelo agrário convencional, reafirmando, nesse início de ciclo, a autonomia camponesa e a opção por uma agricultura baseada em princípios agroecológicos.

A fase da liminaridade é marcada pela transição e dialogicidade com a fase anterior, podendo ser também uma fase de incertezas.

Qualquer pessoa que passe de um para outro acha-se assim, material e mágico-religiosamente, durante um tempo mais ou menos longo em uma situação especial, uma vez que flutua entre dois mundos. É esta situação que designo pelo nome *margem*, e um dos objetivos do presente livro consiste em demonstrar que esta margem, simultaneamente ideal e material, encontra-se mais ou menos pronunciada, em todas as cerimônias que acompanham a passagem de uma situação mágico-religiosa ou social para outra (Gennep, 2012, p. 38).

No ciclo do arroz, a fase da liminaridade corresponde ao período entre o plantio e a colheita, quando o trabalho coletivo, os mutirões, o monitoramento do clima e o manejo dos sistemas orgânicos exigem dedicação e esperança. É um tempo em que o futuro está em suspenso ou pode nem vir a acontecer, a depender das condições climáticas. Aqui, os rituais cotidianos nos assentamentos e no campo fortalecem os vínculos comunitários.

A fase final, de agregação, também dialoga com a fase anterior, porém, é aqui que ocorre o retorno a uma nova normalidade: a colheita, a celebração e a comercialização do arroz. Ela simboliza não apenas o alimento conquistado, mas também o triunfo da coletividade, o reconhecimento externo e a reafirmação da identidade sem-terra e dos seus propósitos. Para exemplificar essa fase, recorremos a Gennep: “A comensalidade, ou rito de comer e beber em conjunto [...] é claramente um rito de agregação, de união propriamente material, o que foi chamado um “sacramento de comunhão” (Gennep, 2012, p. 48).

As festas da colheita, as feiras da reforma agrária e as mobilizações do MST são momentos de agregação simbólica, nos quais se celebra a conquista e a continuidade da luta. Segundo Dionéia Ribeiro, assentada e produtora de arroz orgânico, a Festa da Colheita do Arroz Agroecológico fortalece a rede de produção ao funcionar como espaço formativo e ritual de reafirmação identitária.

O cultivo orgânico está intrinsecamente vinculado aos valores fundantes do movimento, como o acesso à terra, a produção de alimentos saudáveis e a resistência ao agronegócio. Para Dionéia, esse processo simboliza o pertencimento ao território e a transformação concreta da realidade rural: “O alimento expressa nossa história coletiva”, afirma. Nesse sentido, o arroz orgânico não é apenas produto, mas também símbolo de permanência, capacidade produtiva e enfrentamento de estigmas que pesam sobre os assentamentos e ganha centralidade simbólica e política. Para Dionéia, a celebração vai além da comemoração do êxito produtivo: “A festa fortalece a luta pela reforma agrária popular e pelo alimento saudável, do campo à cidade”. Trata-se de um momento de visibilização da experiência agroecológica, de troca de saberes e de reflexão coletiva sobre os avanços e desafios do processo produtivo. A atividade assume caráter formativo, reunindo assentados e parceiros em torno de temas como manejo, gestão e sustentabilidade. São episódios carregados de simbolismo, com múltiplos sentidos: “Os símbolos

possuem as propriedades de condensação, unificação de referentes dispares, e polarização de significado. Um único símbolo, de fato, representa muitas coisas ao mesmo tempo, é multívoco e não unívoco” (Turner, 1974, p. 70).

A celebração também expressa superação e renovação: é quando o resultado do trabalho coletivo reafirma o compromisso com um futuro mais justo e sustentável. Ao olhar para o arroz colhido, o MST enxerga a continuidade da luta pela terra, pela dignidade e por uma nova sociabilidade pautada na solidariedade e na produção de alimentos livres de venenos.

Festas como a do MST, comensalidades, casamentos, cultos, entre outros, fazem parte da experiência social como um processo dialético cíclico, coletivo e contínuo, levando o indivíduo a transitar entre o coletivo e o privado. Como afirma Turner: “De tudo isso, concluo que, para os indivíduos ou para os grupos, a vida social é um tipo de processo dialético que abrange a experiência sucessiva do alto e do baixo, de *communitas* e estrutura, homogeneidade e diferenciação, igualdade e desigualdade” (Turner, 1974, p. 120).

Comunicar por meio de uma celebração é especialmente lúdico. Para Nassar *et al.*, o ritual é, em si, uma narrativa “que engaja o Eu e o Outro, almeja inúmeras eficácias em suas mensagens, se utiliza de inúmeras mídias para se realizar, acontece em espaço e culturas com fortes identidades locais, respeita e se repete no tempo” (Nassar *et al.*, 2019, p. 212).

Han afirma que “rituais e cerimônias são ações genuinamente humanas que fazem a vida festiva e encantada. Seu desaparecimento profana a vida em sobrevivência” (2021, p. 45). O autor afirma, ainda, que rituais são como estar em casa, tornam o mundo confiável e têm a tarefa de estabilizar a vida humana (Han, 2021, p. 10-12). “Práticas rituais zelam para que tratemos e ressoemos belamente não apenas outras pessoas, mas também as coisas” (Han, 2021, p. 14). A repetição dos rituais faz a vida mais bela.

Considerações finais

O que seria da vida em sociedade sem os rituais? Não existe comunicação sem comunidade. Não existe comunidade sem lugar. Rituais ocupam lugares no espaço e no tempo para ordenar espaço e tempo e promover a comunicação.

O campo é o templo do MST, um lugar de atenção profunda e ritualística. Um lugar de disputa narrativa e de sentimentos coletivos que fortalecem toda a comunidade. Isolado, o sujeito não ritualiza. Os sentimentos de solidariedade, companheirismo, igualdade e indignação contra qualquer forma de injustiça estão descritos nas Normas Gerais e Princípios Organizativos do MST (MST, 2016, p. 11). A Festa da Colheita é o ápice ritualístico que envolve o arroz orgânico do MST, tornando a vida no campo verdadeiramente festiva e encantada. É uma festa em torno da qual as pessoas se reúnem, já que a

coletividade é a essência do Movimento. A Festa é uma forma intensiva da força do MST como um movimento, em complemento à sua luta simbolizada pela foice e pelo facão, instrumentos agrícolas que fazem parte do ritual da cultura do arroz. É um momento cheio de significados, que comunica o propósito do Movimento e reforça o senso de comunidade.

Festejar a colheita significa estender a experiência da duração do ritual. Quando comunicada, torna-se ainda mais durável. O alimento cultivado é símbolo da permanência, da história construída coletivamente e da possibilidade real de transformar a realidade rural brasileira. O arroz orgânico opera simbolicamente sobre o imaginário social, desafiando preconceitos que ainda cercam os assentamentos da reforma agrária.

De modo indireto, a Festa celebra outro fenômeno: a transcendência e resistência às trágicas consequências da crise climática que afetam a produção, como as recentes enchentes que devastaram a plantação no Rio Grande do Sul, indicando como o campo já sente os efeitos das alterações ambientais. Mas há também beleza e orgulho, sentimentos que ecoam nas palavras de Dionéia: “O mais bonito é saber da nossa experiência de produzir sem uso de venenos”. Este é o modo de o MST produzir arroz, mas também um modo de estar no mundo: luta, pertencimento, resistência e senso de coletividade que se reparte entre todos os que compartilham o ideal da soberania alimentar — uma meta coletiva que guia o projeto político do movimento.

Por fim, Dionéia deixa uma mensagem que é, ao mesmo tempo, um chamado e uma esperança: “Agroecologia é o caminho, precisamos avançar ainda mais no projeto de produzir alimentos saudáveis para erradicar a fome da população”. Sua fala ecoa o compromisso histórico do MST com a transformação social, reafirmando a agroecologia como horizonte político, ético e civilizatório.

Referências

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Atlas do Espaço Rural retrata diversidade e desigualdade do campo brasileiro**. 2020. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29724-atlas-do-espaco-rural-retrata-diversidade-e-desigualdade-do-campo-brasileiro>. Acesso em: 24 jul. 2025.

ASSENSIO, Cibele Barbalho; OLIVEIRA JÚNIOR, Jorge Gonçalves. “Linguagem e ritual - Pierre Bourdieu”. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 2015. ISSN: 2676-038X. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/linguagem-e-ritual-pierre-bourdieu>> Acesso em: 25 jul.

BRASIL DE FATO. **Maior produção de arroz orgânico da América Latina: conheça a experiência agroecológica do MST**. Momento Agroecológico. 2023. Podcast. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/podcast/momento-agroecologico/2023/04/20/maior-producao-de-arroz-organico-da-america-latina-conheca-a-experiencia-agroecologica-do-mst/>. Acesso em: 23 jul. 2025.

BRASIL DE FATO. **Festa da Colheita do MST celebra safra de 14 mil toneladas de arroz agroecológico.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/03/19/festa-da-colheita-do-mst-celebra-safra-de-14-mil-toneladas-de-arroz-agroecologico/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

BRASIL PARALELO. **A produção de arroz orgânico do MST é relevante para o Brasil? Descubra.** 2025. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/arroz-organico-do-mst>. Acesso em: 22 jul. 2025.

BORGES, Laís Gomes. “Performance - Victor Turner”. In: (Autor). **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 2019. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/performance-victor-turner>. Acesso em: 22 jul. 2025. ISSN: 2676-038X (online)

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Drama, ritual e performance: a antropologia de Victor Turner**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2020.

DAMATTA, Roberto. Apresentação. In: GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 8-22.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Vozes, 2019. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 24 jul. 2025.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FAO. **Voluntary Guidelines on the Responsible Governance of Tenure of Land, Fisheries and Forests in the Context of National Food Security**. First revision. Rome. 2022. Disponível em: <https://openknowledge.fao.org/items/609a716c-464c-4454-9222-78f5e7cd23f7>. Acesso em: 22 jul. 2025. <https://doi.org/10.4060/i2801e>

FIAN BRASIL. Organização pelo Direito Humano à Alimentação e à Nutrição Adequadas. **Exigibilidade do direito a estar livre da fome**, [2024]. Cartilha. Disponível em: <https://fianbrasil.org.br/2024/09/05/cartilha-exigibilidade-do-direito-a-estar-livre-da-fome/>. Acesso em 22 jul. 2025.

FOLHA DE SAO PAULO. Arroz orgânico do MST tem produção pequena, mas simbólica. **Folha de SAO Paulo**, [2024]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/01/arroz-organico-do-mst-tem-producao-quase-irrisoria-mas-virou-marca-simbolica.shtml>. Acesso em: 2 jul. 2025.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GRABOIS. **Maior produção de arroz orgânico da América Latina é do MST: assentados do Rio Grande do Sul estimam colher este ano mais de 300 mil sacas**. Fundação Maurício Grabois, [2022]. Disponível em: <https://grabois.org.br/2022/03/19/maior-producao-de-arroz-organico-da-america-latina-e-do-mst/>. Acesso em: 28 abr. 2025.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2023.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

INSTITUTO RIOGRANDENSE DO ARROZ (IRGA). **Conheça o Irga**. Disponível em: <https://irga.rs.gov.br/quem-somos>. Acesso em: 23 jul. 2025.

INSTITUTO RIOGRANDENSE DO ARROZ (IRGA). Seminário do Arroz encerra programação técnica da 18ª Fenarroz. Irga, [2014]. Disponível em: <https://irga.rs.gov.br/seminario-do-arroz-encerra-programacao-tecnica-da-18-fenarroz>. Acesso em: 23 jul. 2025.

MARKO, Kátia. MST celebra safra com a 22ª Festa da Colheita do Arroz Agroecológico em Viamão. Sul 21, Porto Alegre, [2025]. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2025/03/mst-celebra-safra-com-a-22a-festa-da-colheita-do-arroz-agroecologico-em-viamao/>. Acesso em: 26 jun. 2026.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MST. **Programa de Reforma Agrária Popular**. Cartilha interna do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. 2025.

NASSAR, Paulo; FARIAS, Luiz Alberto de; POMARICO, Emiliana. Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia. In: SCHAID, Daiane; MACHADO, Jones; PÉRSIGO, Patrícia M. (org.). **Tendências em comunicação organizacional: temas emergentes no contexto das organizações**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019. p. 209-224. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002980493.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2026

NOLETO, Rafael da Silva & ALVES, Yara de Cássia. “Liminaridade e communitas - Victor Turner”. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2015. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/liminaridade-e-communitas-victor-turner>> Acesso em: 25 jul. 2025. ISSN: 2676-038X

ROSA, Hartmut. **Resonanz. Eine Soziologie der Weltbeziehung**. Berlim, 2016, p. 297.

RIBEIRO, Dionéia Soares. Fala sobre a produção de arroz agroecológico. [Entrevista semiestruturada concedida a Ana Elizabeth Lima Vasconcelos por membro do MST]. Porto Alegre. 2025.

RUSCHEL, René. **Sem veneno**. Carta Capital, São Paulo, 27 mar. 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/sem-veneno/>. Acesso em: 26 jun. 2026.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

UNICEF BRASIL. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 22 jul. 2025.

ZANINI, Guilherme. **MST comemora safra de 14 mil toneladas de arroz sem veneno**. Extra Classe, Porto Alegre, 21 mar. 2025. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/movimento/2025/03/mst-comemora-safra-de-14-mil-toneladas-de-arroz-sem-veneno/>. Acesso em: 26 jun. 2026.